

ÉBANO

moa sipriano

m o a s i p r i a n o . c o m

ÉBANO

Moa Sipriano

Sexta-feira

Quem é responsável pela minha fantástica inspiração artística?

Resposta: Sexo.

Posso afirmar que meus pensamentos são todos voltados para o sexo.

É o tema central que rege minha atual existência: Sexo.

Meu fardo. Minha escolha.

Fonte de todas as minhas alegrias. Depósito de destilada adrenalina.

Durante vinte e quatro horas, matuto sobre a energia restauradora do bom foder ao mentalizar meu corpo físico sendo devorado por elevados homens famintos, sujos, desprovidos de sensibilidade afrescalhada.

Sou doente? Sou normal?

Sou, simplesmente, um limitado ser que um dia ainda vai virar humano.

Sou maníaco por corpos marcados pela má sorte, devidamente embebidos no suor da pobreza. Adoro apreciar músculos galvanizados, moldados pela nefasta labuta na necessária e honesta sobrevivência.

Amo homens. Todos eles.

Desde que sejam... negros!

Sim, *Ébanos*.

Eles são os melhores. Eles sabem como fazer. Seus corpos, pegadas e sexos maravilhosos são o ápice da perfeição divina.

Se Deus fez algo decente enquanto brincava de massinha barrenta ao delinear os primeiros protótipos do ser humano, certamente foi moldar os lábios e mastros e peitos e bundas dos negros adultos à perfeição.

Não há nada mais belo, idolatrado e desejado do que os músculos de ébano dos homens de brilho oculto da minha ilha maravilhosa.

Antes de encarar os desafios de uma nova criação, saio para caminhar sem cartas marcadas. Meu destino é um só: saracotear pelas areias macias atrás de grupos de pescadores rústicos repletos de frustrações incubadas. Quase desmaio de tanto tesão ao apreciar um punhado de morenos, pardos e negros preparando suas redes com afinco, na ínfima esperança de garantir o sustento do dia.

Minha tática é não focar estratégia alguma.

O segredo é ser direto, isento de rodeios.

Escolho a presa por pura intuição. Chego junto. Abro um sorriso. Solto “na lata” a louca necessidade que tenho de trepar com ele, só ele. E ponto final.

Simples assim!

Todo homem, sem exceção, carrega o seu preço estampado na testa.

Quando é preciso, ofereço um pouco de dinheiro em troca do meu imenso prazer. Raramente sou rejeitado. No sexo sem amor, qualquer quantia de moedas ou notas é capaz de alugar segundos de ilusória satisfação.

Levo o troféu para casa. Magro e alto, robusto e pesado ou toquinho e ranzinza, pouco importa. Resolvemos nossas intimidades num canto muito especial do meu ateliê magnífico.

Aprecio o cheiro salobro dos reluzentes corpos angustiados que galopam sobre meu rabo polaco. Alucinados pelas diabruras do pó, rodopiamos entre almofadas sintéticas espalhadas pelo chão de cimento cozido.

Entrego-me ao meu caralho do momento por completo, deixando-o possuir minhas entradas e saídas da melhor maneira capaz de instigar seus instintos mais primários.

Não crio regras. Sou guiado pelo acaso. Submisso assumido, eu executo exatamente aquilo que o meu senhor de minutos espera de mim.

Antes de tudo, faço uma prece silenciosa para a vaca da Sorte. Em seguida, é só baixar o calção, me jogar de quatro – sempre de quatro! –, arregaçar minhas últimas pregas e deixar meu pulsante orifício rosado bem à mostra.

Geralmente ganho uma caprichada cusparada no rego e em segundos o mastro celestial sai e entra e sai e afugenta a minha dor.

Homens rústicos não têm frescuras. É um trivial muito prático. Não desperdiço minutos com preliminares e enlaces românticos.

Não me limito ao básico. Há detalhes que não podem ser desprezados.

Preciso sentir a Dor. Não a dor da penetração – bobagem que somente atormenta as donzelas que não sabem ser “passivas” em plenitude.

Não há desconforto em um homem presentear seu cu para outro macho. Afinal de todas as contas, na minha teoria, tem que ser muito macho para “dar gostoso” para outro homem.

A dor a que me refiro tem a ver com leves mutilações. Cortes do meu fiel canivete em minha pele translúcida. Pedacos da minha carne retalhados com precisa delicadeza.

E o sangue. Ah, o sangue que verte dos ferimentos consentidos.

Huumm, que delícia sorver a minha própria segunda essência.

Começo minhas tardes “dando” para um mulato básico. Bem do tipo cospe-mete-goza. Despacho o metedeiro após sua primeira esporrada.

Se necessário, até pago sua diária para compensar os peixes não capturados.

Tomo um banho. Em seguida me delicio nu, namorando uma taça de vinho tinto ao som de *Sigur Rós*.

Respiro fundo. Volto para a caça oficial da noite que se aproxima.

Na segunda fase, procuro pelo menos três varões competentes para me satisfazer.

É muito fácil encontrá-los. Basta uma ligeira caminhada.

Bar do Nolah. Estão todos lá. Bebendo e contando vantagens sobre o improdutivo dia de pesca.

Sento-me num canto bem afastado da balbúrdia. O velho marinheiro já me conhece há milênios. Todo sorrisos, deposita sobre a mesa a primeira de muitas cervejas.

Bebo. Observo. Faço minhas escolhas. Descarto os fracotes branquelos iguais a mim-eu-mesmo. Observo as mãos dos meus pretendentes. Os casados têm prioridade. Eles não me dão dor de cabeça. Suporto ficar no local por, no máximo, duas horas, antes da Senhora Ansiedade beliscar meu traseiro impaciente. Levanto-me. Pago as rodadas. Deixo bom troco para Homem do Mar.guardo do lado de fora os selecionados para a Grande Fodaria. Chamo um, dois, três. Distribuo cigarros, enquanto faço a proposta.

Sem pestanejar, ofereço-me em sacrifício. Minhas palavras surtem efeito. Não preciso abrir a carteira, pois currar um Transparente de bundona lisa, metido à besta, é o suficiente para satisfazer suas simples fantasias na baixa temporada.

Eu garanto a todos que proporcionarei muito mais alegrias do que suas mulheres ignorantes, pois sei doar o que um rústico necessita para se sentir o próprio dono do mundo.

De volta ao salão secreto no meu ateliê, alegre ainda mais meus ébanos distribuindo latas e garrafas de cerveja dispendiosa. Eles se deleitam com a gélida bebida ácida. Todos os envolvidos atingem a temperatura ideal, enquanto eu me sacio com o sabor de seus membros pimpantes, de todos os tamanhos e aromas, a destroçar minha garganta galante.

Peço para ser maltratado. Dos Repetidos que já me comeram trilhares de vezes, ganho estapeadas em minhas faces e nádegas multicores de rosas infernais.

Não, não, não é assim que se faz, imploro através do meu olhar incolor. Espanquem-me, maltratem minhas curvas sem graças, seus imbecis!

Delícia. Surtiu o efeito desejado. Sou artificialmente odiado. Golpeado com toras flamejantes. Sexos e socos arrombando todas as minhas cavidades. Um seguido do outro. Um mais arrogante do que o outro.

Um mastro novato de proporções generosas esfacela meu rosto corado. E outros dois já tarimbados disputam espaço abaixo do meu rabricó invariavelmente dilacerado.

Observo meu canivete repousando, brilhante e indiscreto, sobre a grande mesa de *design* italiano, composta de metal e vidro, antigo presente de um admirador marroquino. Só permito belos cortes quando estou na companhia de um único Perfurador.

Cerveja, suor, lágrimas e porras. A ordem mágica.

Após certificar que meus orifícios verteram sangue o suficiente, decreto por encerrado o jogo noturno.

Estou muito bem-acabado.

No quinto minuto antes da meia-noite, meus gozados, satisfeitos, cambaleantes e apetitosos ébanos abandonam meu labirinto, cada um segurando sacolinhas de plástico entupidas de latas de cerveja e cápsulas de pirlimpimpim de primeira necessi... *ops!*... qualidade. Exausto, ainda encontro forças para soltar uma boa gargalhada, ao ouvir a distante alegria dos heteroeróticos cacarejando e se vangloriando de seus desempenhos enrustidos.

Sábado

Logo nas primeiras horas da manhã já me encontro sapeando nas areias frias. O sol ganha força, dourando ressacados corpos matutinos.

Deposito meus restos refeitos num convidativo trecho de areia molhada. Sou um sujeito completamente sem jeito. Vislumbro ao longe alguns pescadores espalhando suas redes descomunais por sobre as águas calmas.

Deliro ao imaginar meu corpo sendo capturado por aquelas linhas tão bem trançadas, onde ali mesmo minha carne embebida no pecado é devorada por ébanos canibais marinados no Daime, lutando entre si para conquistar a energia cristalina que emana da minha alma arroxeadada.

Na hora exata, chamo a atenção de um rapaz franzino. Noto toneladas de frustração em seu olhar, devido à falta de sorte na captura do seu sustento.

Sua rede está praticamente vazia. Caminhamos para longe dos outros. Abro a carteira. Ofereço quatro notas de vinte.

Baixe o calção, ordeno. Ganho um bimbolar de uma vara safada a penetrar o vão dos meus lábios insaciáveis. Chupo, sugo, faço o rapagote crescer.

Não demora muito para que um gosto bem conhecido cubra toda minha língua. A essência do mulato parece uma goma de mascar vencida. Pago um tanto a mais. Ele se vai, rindo sem parar, certamente me taxando de “viado polaco da porra”.

Cuspo todos os excessos.

Volto para casa... cantando e encarnando Donna Summer.

Dou o telefonema obrigatório do dia. São quinze minutos desperdiçados com mamãe. Vem o ritual do banho. Preparo meu rabo. Pego a moto. Saio com destino e hora muito bem marcados.

Do outro lado da ilha, visito a casa de uma conhecida Joana. Prostíbulo discreto, famoso entre os Iniciados. Mulheres de todos os quilates se espalham pelos cantos, preparadas para a horda de casados insatisfeitos e turistas endinheirados que chegarão a qualquer momento.

É claro que não é nas mulheres que estou interessado. Não tenho que repetir o óbvio. Não sou bissexual. Bi são seres confusos e sofredores. Todo bi é neurótico.

Sou um gay repleto de preconceitos em relação aos Bi. Sou paranoico.

Quero o marido de Joana. Ele é o proprietário do que eu procuro.

Abro o inchado álbum. Maravilhado, encaro imagens e descrições de garanhões disponíveis para uma grande festa.

Enquanto babo sobre as páginas gastas, pergunto se há novidades no cardápio. Ele sorri e me aponta um envelope sobre a mesa. Abro. Retiro as fotos frescas. Quase solto um grito sufocado pela euforia.

Quero o Número 72.

Combinamos os valores. Pago sem pechinchar.

Por favor, mande entregar!

Duas horas depois, eis que ele bate à minha porta. Não trocamos uma só palavra. Partimos para o engate das bocas. Não há no universo beijo mais delirante do que o compartilhado com um ébano. Maravilhosos lábios protuberantes percorrem meu corpo delgado, reboativo, transfigurado.

Meu sexo ganha fôlego além das vidas nas entranhas superiores daquele homem fenomenal. Não suporto a força contida dos meus múltiplos orgasmos. Meu caralho deposita o jato de um tom perolado nos lábios pitangas do meu luminoso macho de aluguel.

Variamos nossas línguas secas sobre nossos corpos liquefeitos. Jogados no chão de concreto, imploro para que meu homem me penetre sem remorsos, nem temores. Mas antes, evidentemente, ensino ao meu senhor a arte sagrada dos cortes precisos nas minhas carnes cruas.

Ébano Divino, em raspões calculados, desliza a lâmina sobre minhas costas inflexíveis. Ele entra no jogo. Não deixa transparecer o medo da inexperiência. Faz o caminho que desejar, aniquilando minhas vestes, transformando minha cara camisa em tiras finas que jazem aleatórias pelo chão. Em segundos, estou diante de um tremendo profissional. Isso. Corta. Desliza. Eu sentia minha pele se abrir. A dor. Que dor maravilhosa! Sinto a viscosidade única do meu próprio sangue velhaco. Deixo-o escorrer. Não se desespere. Mantenha-se firme e focado. Ele continua, finalizando novo corte em espiral. Deixa a lâmina de lado. Desvairado, ele salta sobre mim-eu-mesmo. Penetra meu rabo que cospe fagulhas da vindoura demência. Desbasta seu peito combatente nas minhas costas errantes. Ele sente o vapor do meu vinagre a rabiscar símbolos secretos em suas bolas maciças.

Penetra-me. Perfura-me!

Ele preenche meu vazio com seu gozo inocente, animalesco, maldito.

Domingo

Alonso me decepcionou. Não havia razões para sacanear naquela corrida. Embriagado em revoltas, desliguei a tevê.

Esparramei meus restos no sofá.

Cochilei cronometrados quarenta e dois minutos.

Nico me ligou, confirmando o encontro.

Vinha almoçar com mamãe em minha casa.

No domingo em família, simulávamos espasmos de felicidade. Sorrisos amarelos durante a desnecessária recordação de todos os passados.

Mamãe insiste em acreditar que eu ainda sinto algo pelo meu ex-amante. Despachei os dois rapidamente. Nada de café da tarde. Meu último jantar seria regado a sexo.

Caminhadas. Eis o segredo.

O olhar do caçador perscrutava o infinito. Eu já quase desistia da derradeira empreitada putácea para encerrar com chave de chumbo mais um glorioso fim de semana.

Foi então que ele surgiu, no meio do nada, como por encanto.

Só podia ser encanto!

Um turista accidental.

Trocamos olhares, enquanto roçávamos nossos sexos bem despertos.

Esquecemos as mentiras de praxe. Encontramos uma duna que garantiria nossa privacidade. Esfrega daqui, acaricia ali. O cacete daquele homem inflava contornos assustadores, desfigurando a diminuta sunga. A bengala escapuliu bem na minha língua-cachorrinho. Ela foi algemada pelos meus dentes marfim.

A noite despencava. Meu jambo varonil se fundia na escuridão nascente. Ele recusou meu beijo, empurrando novamente minha cabeça para baixo.

Submisso, sempre submisso, ajoelhei-me diante do meu amo.

Ébanos são sagrados. Ébanos são a Quinta-essência. Ébanos são mestres na arte da Grande Fodaria.

Assim, meu negro príncipe, fode a boca do teu “Ne.Go” aqui.

Ne.Go é o meu nome artístico.

Chocante, diriam alguns. Sem criatividade, ruminaram outros.

Uma justa homenagem, eu afirmo para quem interessar possa.

Sou inigualável na arte de entalhar madeiras raras. Crio peças exclusivíssimas, de uma beleza e simetria ímpar, cobiçadas nos doze cantos do mundo.

É tudo o que você precisa saber.

Do etéreo surge um invólucro metálico. Ébano rasga a embalagem, retira o salvador de vidas, coloca-o em meus lábios, exige que eu envolva o látex – com a ajuda da minha boca-pecado – no seu canhão abaulado.

Sou virado num ângulo quebradiço. Sou fodido por um magistrado.

Ele é meu amo, meu homem, meu príncipe!

Ébano dos deuses que fode o pecador Ne.Go polaco.

Glória, glória, glórias!

Entre dez delírios, um urro.

Quero espantar as gaivotas.

Rasga-me!

Trago sempre meu canivete comigo. Segurança e prazer. Ele se assusta ao ver o brilho da minha arma de trabalho. Paramos de vibrar em uníssono.

Dou todas as instruções, sussurrando regras em seu ouvido direito.

Ele capta meus desejos. Ele se embriaga na minha canção-sereia. Ele sente as cicatrizes vibrando em minhas costas arqueadas.

Curioso, toma a ferramenta das minhas mãos e se delicia com acrobacias assustadoras da lâmina a acariciar os contornos imperfeitos dos meus músculos contraídos.

Ops! Um único corte falho. A dor. O prazer.

Urghh! Mais um corte. Agora preciso.

O sangue escorre. Preciso gritar. Um grito de puro êxtase.

O canhão gera um estampido lancinante. Ele goza. E não retira sua barra de ferro fodido do meu interior lanceado. Força ainda mais seu corpo junto ao meu. Relaxamos. Ele acaricia minhas feridas. Sinto sua língua áspera sorver meu sangue ralo.

A Contradição é amante da Hipocrisia.

Exijo um beijo. Ganho um sonoro estampido no meu rosto desfigurado.

A lança se eleva. Dentro de mim-eu-mesmo. Recomeçamos o jogo. O segundo tempo. Uma penetração demorada e dolorida. Do jeito que eu gosto.

Vento. Areia. Lua. Fantasmagóricas gaivotas de fogo, perdidas, desorientadas.

Mudanças climáticas. Efeito estufa.

Dentro do meu rabo. Um susto. Um tremor de alertas.

Meu canivete. A lâmina reflete outra luz imaginária. Ela ronda meu pescoço escorregadio, encharcado por um suor adocicado. Ele fode, aumenta o ritmo.

De quatro? Estou de oito!

Sua mão esquerda, autoritária, empunha uma porção generosa dos meus cabelos no vão dos dedos rústicos. A mão direita, sedutora, expõe meu canivete contra meu bom senso, zanzando entre minha nuca espinhosa e meu queixo pontiagudo.

Peço licença. Entro nas dependências do excitante pesadelo. Entrego meu destino. Meu negro me empala com o conjunto de quatro dedos romenos, depois volta a cavalgar sobre seu potro albino. A segunda lâmina é a sua espada.

Ele esporra, mais uma vez. Ganho como brinde um litro cheio de gosma galáctica. E um indevido corte no pescoço. Ele sai de mim. Retira a proteção. Joga tudo longe, sem nenhum cuidado especial. Emporcalhamos as nossas naturezas na Natureza.

Meu corpo sangra. Uma linha aberta faz gotejar meus glóbulos para fora. Brancos. Vermelhos. Arco-íris.

Finalmente... o beijo. Um não esperado beijo vampiresco rasga minha língua, suga meu sangue enquanto uma recheada mão de areia busca meu sexo entre lavas em urano.

Uma punheta esfoliante. Desconforto com delírios. Alucinação coletiva. Desmaio. Acordo. Outro beijo. A sugação da minha alma. Eu gozo. Ele mastiga meu pescoço, minha língua, as pontas dos meus dedos cobertos de areia, esperma e sal.

Mais uma vez. Mais uma vez. Mais uma vez!

Deito no chão. Ganho um báculo que se recusa a voltar ao seu estado de origem. Rígido, sempre teso, agora vagando no inferno da minha boca. Minutos doloridos. Meu céu sangra. O céu da minha boca perdeu as estrelas dos meus nove sentidos.

Eu choro. Agradeço a qualquer entidade presente a sorte que tenho de encontrar meus Ébanos Abençoados pelo caminho.

Ele goza. É a terceira vez. Eles têm esse poder.

Encontro-me prostrado, mas não ignoro a textura daquela essência sem fim a bailar na minha garganta.

Ele me puxa para si.

Não conseguimos captar nossos olhos na escuridão, mas nossos olhares se cruzam por telepatia.

Sou abençoado com uma carícia redentora em meu rosto afogueado. O gesto de um amor insólito. Ele sussurra em meu ouvido esquerdo. Sou gostoso, ele diz. Sou a realização do seu sonho, ele afirma. Abro um triunfante sorriso na noite fria.

Quero você outra vez, a frase roufenha faz cócegas na minha podridão.

Recebo meu canivete de volta. Passo a língua nas crostas dos restos.

Todos reformados, é hora de guardar meu instrumento no bolso do velho calção.

Enamorados, seguro aquela mão protetora de dedos robustos, indicando o caminho.

O destino derradeiro é a nossa (nossa?) casa.

Somos doentes? Somos normais?

Somos apenas seres humanos que sofrem porque querem viver – por livre e espontânea vontade – mancomunados com a Dor.

Berrando Cyndi Lauper num dueto debochado, caminhamos de braços entrelaçados, ambos iludidos com a “descoberta” do amor sem Amor, interpretando com perfeição aquele típico casal feliz que assombra as histórias femininas vendidas em bancas de jornal.

Ébano e Ne.Go prateados pela luz tênue de um mágico luar.

Os transmutados garotos só querem se divertir.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**